

Banco do Brasil apresenta

CCBB Educativo

ARTE, CULTURA E CIDADANIA 2004

Caderno VIII



2º semestre

CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL

CCBB Educativo 2004

CONSULTORIA

Luiz Guilherme Vergara
Sueli de Lima

EQUIPE

COORDENAÇÃO EXECUTIVA

Bia Jabor
Juliana Prado

PRODUÇÃO

Fátima Magalhães
Grace Rial

ARTE-EDUCADORES

Alexandre Guarnieri
Ana Paula Mello
Ana Rondon
Analu Cunha
Bia Lemos
Carolina Luz
Diana Hime
Keyna Eleison
Leonardo Stefano
Mara Pereira
Maria Thomas
Michéle Santoro
Mônica Duque
Robson Reis
Sabrina Rosas
Suzana Nascimento
Tatiana Henrique

EQUIPE PARA A EXPOSIÇÃO ANTES

Alessandro Freitas
Camila Calvet
Carolina Rodrigues
Daniel Souza
Elisangela Moreira
Emerson Ribeiro
Fernanda Pequeno
Leonardo Bertolossi
Paula Erber
Rômulo Andrade

TEXTOS

Diógenes de Almeida Campos
Luiz Guilherme Vergara
Sueli de Lima

ASSESSORIA EDITORIAL

Alexandre Guarnieri

FOTOGRAFIA

Programa Educativo: Frederico Dalton
Exposição *Antes*: César Barreto
Museu Paraense Emílio Goeldi / Denise
Andrade e Fernando Chaves (*Figura
feminina*, pág.8)

EDIÇÃO E REVISÃO

Itamar Rigueira Jr.

PROJETO GRÁFICO

Zot Design / Rara Dias
Paula Delecave

O Banco do Brasil apresenta o *CCBB Educativo* e convida o público, durante o segundo semestre de 2004, a participar de uma variada gama de atividades com o objetivo de estimular a discussão sobre o homem e sua memória, por meio da interação com eventos que registram e conservam seu passado.

Nos três primeiros meses, teatro, música e outras linguagens investigam o universo humano presente em toda produção cultural, encaminhando debates a respeito do lugar do passado no presente e da construção da memória.

Na segunda metade do semestre, a exposição *Antes – Histórias da Pré-história* suscita inúmeras questões envolvendo as maneiras pelas quais o homem toma posse e transforma a natureza que o cerca, criando a tecnologia através da qual deixa marcas que permanecem por séculos e produzem memória.

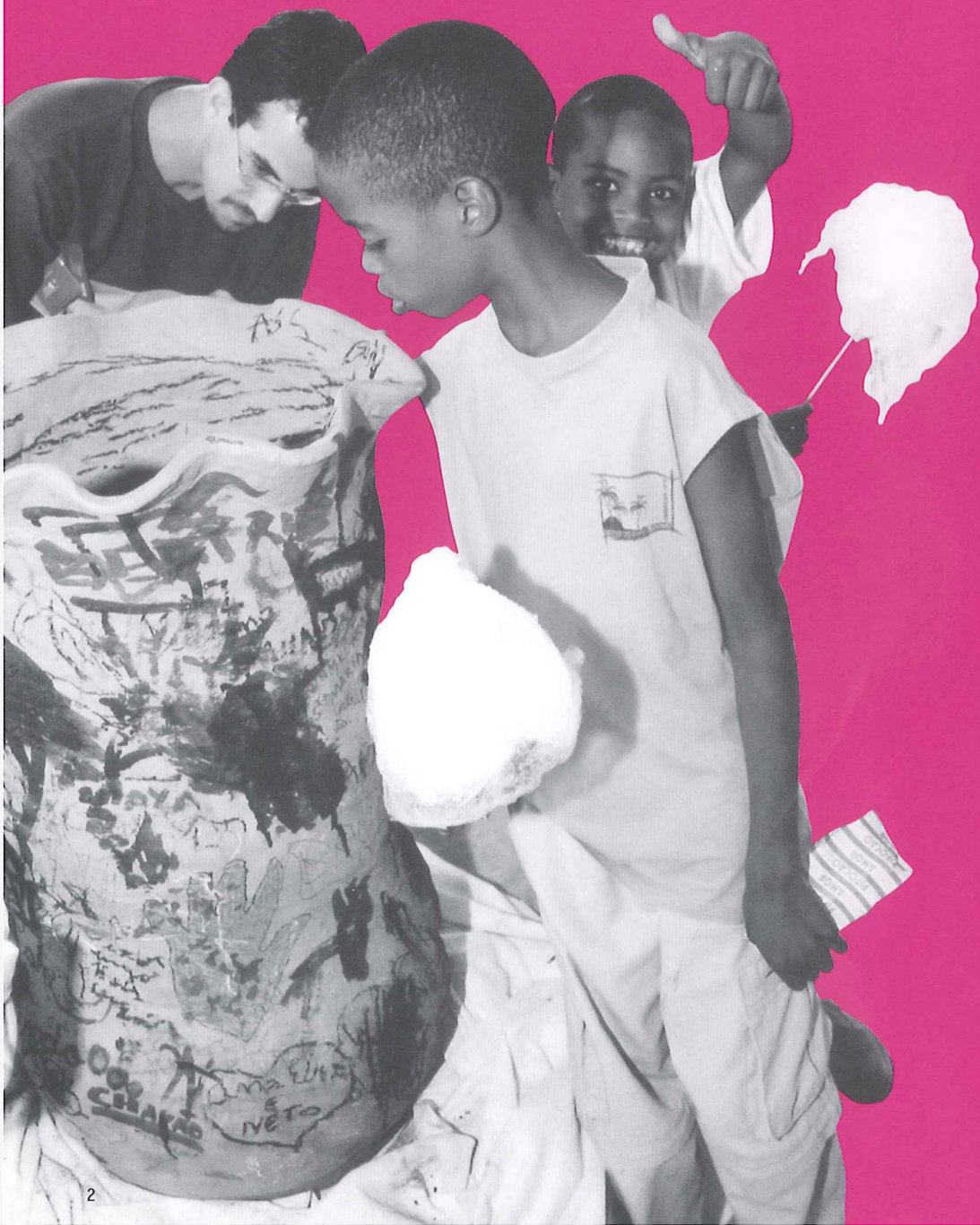
Ao comemorar seu 15º aniversário, o Centro Cultural Banco do Brasil, com seu Programa Educativo, oferece a estudantes e ao público em geral a oportunidade de participar desse importante encontro entre o passado e o presente, entre o homem e seu potencial criativo.

Centro Cultural Banco do Brasil



COMO O PASSADO HABITA O PRESENTE?
COMO SE PROJETARÁ NO FUTURO?

O Homem toma posse da materialidade do mundo que o cerca – através da tecnologia, da arte, das crenças, ou seja, através da cultura –, deixando assim suas marcas e produzindo constantemente a revisão de sua própria memória.





Caros Professores,

Este segundo Caderno de textos do Programa Educativo deste ano encontra a comemoração do aniversário de 15 anos do CCB. Neste momento o próprio Centro Cultural prepara-se – e todo aniversário não provoca sempre uma espécie de revisão em nós mesmos? – para refletir sobre seu papel e seu passado através de uma importante exposição que nos recoloca os limites de nossa própria cultura, formadores de outros limites, os de nossa própria humanidade.

A exposição nos convida a refletir a respeito de como a aurora das linguagens artísticas reinventa a maneira através da qual o homem das Américas entende a si próprio e seu entorno. Neste sentido, a arte – nas diversas pinturas, gravuras e artefatos expostos – se revela como tecnologia necessária à perpetuação dos processos de representação e simbolização do mundo. Ou melhor, sem a arte, sem soluções que permitissem ao Homem vencer obstáculos e problemas que o ameaçavam constantemente, simplesmente não haveria sobrevivência.

O que nós, brasileiros, sabemos sobre nós mesmos e sobre o passado ancestral de nosso solo, além de toda a história formulada a partir das visões trazidas pelos

colonizadores portugueses? Será que nos damos conta de que, até a chegada da esquadra de Cabral, o nosso território estava ainda inserido no âmbito da Pré-história? Nossa história é bastante jovem, tem cinco séculos se tomarmos como primeiro registro a Carta de Pero Vaz de Caminha.

Neste período, nosso objetivo é facilitar o contato mais estreito do público com o trabalho e a dedicação de importantes, apesar de pouco conhecidos, profissionais, sem os quais esta exposição jamais teria sido possível: eles são os arqueólogos, cujos esforços têm tornado possível essa experiência ampliada de produzir e desvendar a vida, a “arte” e a sobrevivência dos povos nativos do nosso território.

O Programa Educativo 2004 convida professores e alunos, e o público em geral, ao desafio de alargar o campo de conhecimento – com o foco voltado para a dimensão artística – a respeito desse nosso passado, tomando como ponto de partida a exposição *Antes – Histórias da Pré-história* e buscando potencializar a oportunidade de encontro com a riqueza do vasto universo de objetos expostos. Estaremos juntos nessa verdadeira viagem no tempo!

PROGRAMAÇÃO SELECIONADA PELO PROGRAMA EDUCATIVO PARA O SEGUNDO SEMESTRE/2004



JULHO/AGOSTO/SETEMBRO

Tema explorado: **O lugar do passado no presente**

Partindo da programação selecionada no período, o Programa Educativo pretende, por intermédio de suas diversas atividades, encaminhar debates a respeito do lugar do passado no presente, de como o passado é capaz de habitar o presente, sobre a consciência do que somos e do que fomos, construindo assim uma possível memória do presente.

ARTES VISUAIS

*Onde está você,
Geração 80?*

13/7 a 26/9

A exposição reavalia a produção mostrada no evento *Como vai você, Geração 80?*, que ocupou a Escola de Artes Visuais do Parque Laje há vinte anos. Trabalhos recentes dos artistas revelados na época também estão sendo mostrados.

**Curadoria: Marcus de
Lontra Costa**

*Eduardo Sued –
A experiência da pintura*

20/7 a 26/9

Exposição do artista brasileiro de sensibilidade construtiva, cuja linguagem pictórica baseia-se na investigação da cor e do espaço.

Curadoria: Ronaldo Brito

TEATRO

Notícias cariocas

2/7 a 12/9

A atmosfera dos anos 50 é pano de fundo para a Cia. dos Atores apresentar uma encarniçada batalha editorial em que se desfiaram todos os ardis e artimanhas da velha imprensa brasileira.

**Texto: Felipe Miguez
Direção: Enrique Diaz**

MÚSICA

Lupicínio

7, 14, 21 e 28/9

Série homenageia os 90 anos de nascimento do compositor Lupicínio Rodrigues (1914-1974).

CINE-VÍDEO

Anima Mundi 2004

9 a 18/7

12ª edição do tradicional Festival Internacional de Animação do Brasil.

Ver Ciência

31/8 a 5/9

Este décimo ano da Mostra Internacional de Ciência na TV apresenta 45 programas inéditos de dezoito países, além de uma retrospectiva dos melhores títulos dos anos anteriores.

OUTUBRO/NOVEMBRO/DEZEMBRO

Tema explorado: Matéria e memória

Tomando como ponto de partida a exposição *Antes*, o Programa Educativo pretende investigar, junto com o público, várias questões envolvendo as maneiras através das quais o Homem toma posse da materialidade do mundo que o cerca – através da tecnologia –, deixando suas marcas e produzindo constantemente a revisão de sua própria memória.

ARTES VISUAIS

Antes – Histórias da Pré-história

12/10 a 9/1

Verdadeira viagem ao tempo dos primeiros habitantes da nossa Terra Brasilis, a exposição *Antes* pretende retirar a aura científica que recobriu nosso passado pré-histórico por tanto tempo, para evidenciar toda a riqueza artística que este patrimônio é capaz de revelar.

Curadoria: Niéde Guidon, Anne-Marie Pessis e Gabriela Martin

TEATRO

As pequenas raposas

23/9 a 12/12

O texto de Lillian Hellman trata das raízes e distorções do capitalismo norte-americano.

A história se passa no sul dos Estados Unidos, no início do século XX, quando a industrialização começa a avançar para o interior do país, sobre as ruínas das velhas famílias patriarcais.

Direção: Naum Alves de Souza

MÚSICA

As cores da música

5, 12, 19 e 26/10

Através da visão de grandes artistas, esta série de concertos investiga a íntima relação entre a música e a pintura, e é dedicada a pintores que utilizaram elementos musicais como inspiração para suas obras.



APRESENTANDO A EXPOSIÇÃO “ANTES – HISTÓRIAS DA PRÉ-HISTÓRIA”

A exposição *Antes – Histórias da Pré-história* pretende desvendar parte do universo criativo dos antigos habitantes da nossa *Terra Brasilis*. É importante que possamos nos voltar agora para a complexa riqueza visual da pré-história brasileira, livres de todo um conjunto de idéias que velaram, por tempo demais, um olhar há muito condicionado lançado sobre o nosso próprio passado longínquo. Temos chance de estabelecer uma relação com peças de patrimônio tão importante, desvinculada do evolucionismo, do conceito de primitivo ligado ao atraso das conquistas técnicas, forjados no seio do cientificismo e do positivismo que construíram uma enorme parte do imaginário acadêmico do século XIX. O passado, para nós do século XXI, não se apresenta como algo fechado, totalmente mapeado e explicado – é um campo aberto a constantes e inumeráveis construções e interpretações. Mais uma vez, o trabalho do Programa Educativo envolve o desafio de não apenas “explicar”, compartimentando o passado, mas entendê-lo presente – porque de fato ele está vivo diante de nossos sentidos, na fronteira entre arte e vida –, para que, enfim, possamos redescobri-lo menos sujeito a preconceitos e prejulgamentos.

Na exposição *Antes* serão mostrados artefatos produzidos segundo sua localização geográfica em nosso território há milhares de anos, divididos em Litoral, Planalto (o Interior) e Amazônia. Do ponto de vista desses conjuntos de produção, que não devem ser confundidos com estilos, pois esses antigos “brasileiros” estavam de fato fundando algumas das linguagens artísticas que hoje conhecemos (pintura, escultura, cerâmica e gravura), o público poderá ver exemplos da pintura rupestre, esculturas em pedra – os zoólitos –, cerâmicas e outros instrumentos, provavelmente de uso ritual.

Ter todo esse patrimônio diante de nós nos permite pensar no quanto estamos desconectados de um passado remoto, perdido. Ele nos revela uma possibilidade de vínculo orgânico com o passado, porque entendemos que somos fruto daquilo que fomos, do legado de nossos antepassados pré-históricos, e que esse passado deve ser radicalmente reinserido na história, a partir do momento em que tomamos posse

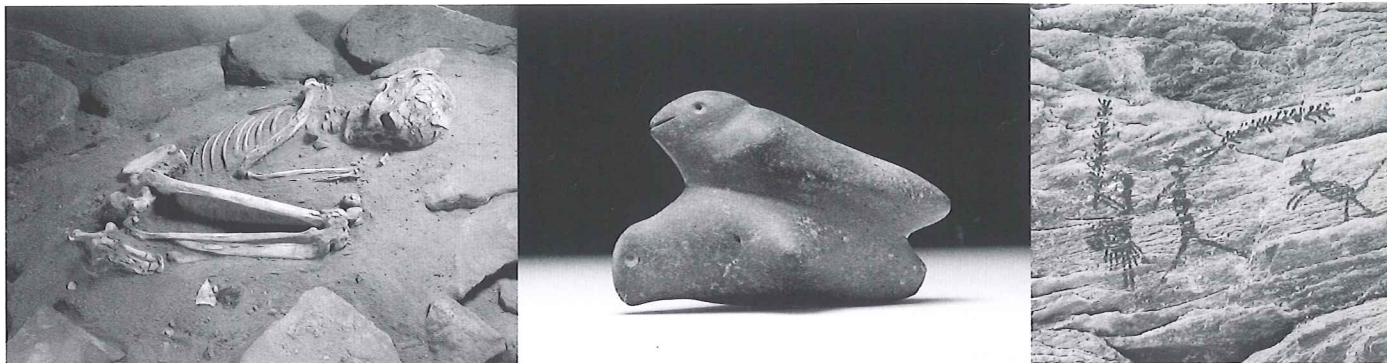
dos artefatos e do universo de informações que os circundam.

É urgente que reencontremos esse passado. Mas como operar tal resgate? Até que ponto esse contato é possível? Quais os limites entre arte e ciência, quando tratamos da relação entre passado e presente? Do ponto de vista das tecnologias nascidas em extrema comunhão com a Natureza, como nos encontramos hoje? Que lições podem estar implícitas a partir do contato com essas histórias da nossa pré-história? Eis algumas das questões com as quais o Programa Educativo estará trabalhando, em atuação relacionada aos eventos do período a que se refere a exposição *Antes*; acreditamos ser de suma importância esclarecer quem fomos, entender quem somos, para descobrir, eticamente e esteticamente, quem poderemos nos tornar.



Estatueta de cerâmica, Museu Paraense Emílio Goeldi

A EXPOSIÇÃO



Réplica da sepultura de uma mulher, Fundação Museu do Homem Americano / Zoólito, Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville, MASJ / Toca do Messias, Área Arqueológica do Seridó

Montes de areia e conchas com até 30 metros de altura, conhecidos como **sambaquis** e comuns no litoral brasileiro, foram lugar de moradia, alimentação, lazer e enterramento para populações pré-históricas de **caçadores-coletores**. Nessas áreas foram encontrados instrumentos de caça, utensílios diários, enterramentos, adornos de conchas e zoólitos, animais como peixes e pássaros, cuidadosamente esculpido em pedra ou osso.

Você já pensou no que havia no Brasil antes dos portugueses? Quais serão as histórias que aconteceram aqui antes do Brasil ser Brasil? Como poderíamos saber, se não há qualquer documento escrito? Através de uma ciência chamada **Arqueologia**, descobrimos o passado do homem na Terra. Você sabe o que é Arqueologia? Não é uma caça ao tesouro, mas um estudo dos acontecimentos do passado. São os arqueólogos que primeiro estudam os objetos desenterrados nos sambaquis. E por que os cientistas estudam hoje, nesta era de exploração do espaço, os acontecimentos de épocas remotas?

Locais como os sambaquis são chamados de Sítios Arqueológicos. A história de um Sítio, como toda história, tem um início, um meio e um fim. Assim como dentro de um livro as páginas se sucedem, em um Sítio Arqueológico é preciso organizar os objetos e as indicações. São colocados no início da história os mais antigos e depois os mais recentes. Para isso, é preciso saber datar.

MUIRAQUITÃS E TEMBETÁS

Adornar o corpo com objetos trabalhados em diferentes materiais e formas é uma prática conhecida desde a pré-história. Na Amazônia, foram encontrados os **tembetás**, que em tupi significa "pedra do lábio", e os **muiraquitãs**, pingentes de rocha verde em forma de animais, associados à sorte e ao poder da cura.

E nos nossos dias? Temos amuletos e objetos que cremos nos ajudar a realizar algumas das tarefas do dia-a-dia? Os brincos, *piercings*, maquiagens e roupas que usamos hoje cumprem também o papel de nos tornar mais bonitos e atraentes, e de definir a que "tribo" urbana pertencemos? Que rituais contemporâneos definem essas novas "tribos" da cidade (música, moda, literatura, hábitos comunitários)?

AMAZÔNIA

Com decoração e formas excepcionais, objetos de cerâmica tinham uso doméstico e cerimonial na Amazônia da pré-história, e eram usados também como urnas funerárias. Essas cerâmicas acompanham o surgimento de sociedades cada vez mais complexas. Culturas como a Marajoara, a Maracá e a Santarém, que produziram peças com formas humanas e animais, algumas das quais decoradas com pinturas elaboradas, tiveram um breve auge e desapareceram em muito pouco tempo.



Figura feminina, Museu Paraense Emílio Goeldi / Urna funerária, Museu do Estado de Pernambuco / Pontas de projétil, Fundação Museu do Homem Americano

Antes dos colonizadores portugueses trazerem noções artísticas e científicas européias para o nosso território – até então habitado por grande número de culturas indígenas tão distintas –, existia a arte como a entendemos hoje? Qual a fronteira entre a produção dos objetos utilitários nessas sociedades ancestrais e a dos objetos de arte hoje? Existia distinção entre arte e vida? As esferas da religião, da política e da produção de objetos não estavam intimamente ligadas? Será que não estamos experimentando um retorno, na esfera da cultura, a uma indistinção entre arte e vida, sobretudo com as propostas interativas da arte contemporânea?

E o que pensar a respeito da Amazônia hoje? Numa época em que se fala do tráfico de espécies animais, para estudo e produção de novos medicamentos, de novos produtos, dos alimentos transgênicos (geneticamente modificados), como a ciência do nosso tempo tem explorado a natureza? E como nossos ancestrais a exploravam? Ciência e ecologia podem se unir e possibilitar uma visão menos catastrófica para o futuro da vida no planeta Terra?

TECNOLOGIA

Foi do confronto com mudanças ambientais e da observação da natureza que surgiram soluções que permitiram a sobrevivência do homem. Casas subterrâneas ofereciam proteção contra o frio e a chuva. Fragmentar, polir e lascas rochas permitiu criar flechas e lanças para a caça e a defesa. Da observação de ninhos surgiram cestos. Um enorme salto foi o domínio do cultivo e do uso de plantas como a mandioca, que garantiu uma fonte estável de alimentos. Cerâmicas serviam ao cotidiano e eram usadas também para enterrar os mortos. Sobre a rocha, foram

criadas pinturas e gravuras, verdadeiros marcadores da memória.

Escrever sobre pedra, cultivar alimentos, domesticar animais foram tecnologias que mudaram a face da vida no planeta e também a maneira do homem perceber seu entorno. Essas tecnologias puderam garantir a sobrevivência do homem muito tempo atrás. Quais as tecnologias produzidas no nosso tempo? E no que elas investem? Na nossa sobrevivência? Até que ponto elas têm resolvido os problemas da raça humana? Em qual medida esta exposição pode nos fazer refletir a respeito de nós mesmos, de nosso estilo de vida e do impacto de nossos hábitos sobre o planeta em que vivemos?

MISSÕES

Antes do século XX, a arqueologia no Brasil era em muitos casos uma atividade romântica, movida pelo ideal de desvendar o passado. No século passado houve um rápido avanço, com a formação de especialistas e o desenvolvimento de novas tecnologias. A criação de missões arqueológicas impulsionou e aumentou de forma definitiva o conhecimento.

Como foram construídas as pirâmides do Egito? Quem inventou o fogo, a escrita? Essas são algumas das perguntas que todos nós talvez tenhamos nos feito algum dia. Certas respostas são fáceis: elas foram escritas há milênios sobre tabletes de argila, papíros ou pedras... Outras respostas, porém, não existem em textos, ou porque eles desapareceram ou porque nunca foram escritos. Não existe, por exemplo, nenhum traço escrito sobre a invenção do fogo. Simplesmente porque o fogo apareceu milhares de anos antes da escrita. A resposta se encontra em um outro "livro": a terra.

O arqueólogo escava, anota, decifra e classifica as pistas que acha no subsolo ou no fundo d'água. Ele conta com a parceria de cientistas de diversas disciplinas (geólogos, biólogos, historiadores, antropólogos etc.), que datam e analisam. São formados em técnicas de escavação, restauração e conservação de objetos. A mínima pista, pequenos fragmentos dos objetos, a simples observação de sua posição na terra – todos esses indícios compõem uma pequena história a ser escrita. E cada uma dessas pequenas histórias é revelada por cada um dos sítios arqueológicos do mundo inteiro, ajudando a escrever, página por página, um grande livro, que poderia ter o título de *A história da Humanidade*. A exposição *Antes* trata de nossas origens, de como sobrevivemos e nos transformamos ao longo destes milhões de anos.

INTERIOR / PINTURA RUPESTRE

Para o homem da pré-história, pintar era um meio de criar símbolos, caracterizar ritos e, acima de tudo, de se comunicar. Essa elaborada forma de arte é encontrada em sítios arqueológicos espalhados pelo Brasil, mas é no sertão do Nordeste, no Parque Nacional Serra da Capivara (Piauí), que está a maior concentração por metro quadrado em todo o mundo. Nos painéis, há complexas composições com temas cotidianos ou cerimoniais, que incluem cenas de caça, sexo e violência.

Será que os filmes de cinema, as novelas da TV, os jornais e revistas, enfim, nossos veículos de comunicação de massa não são um meio de documentar e recriar nosso estilo de vida tanto quanto o eram as gravuras rupestres pré-históricas?

GRAVURA

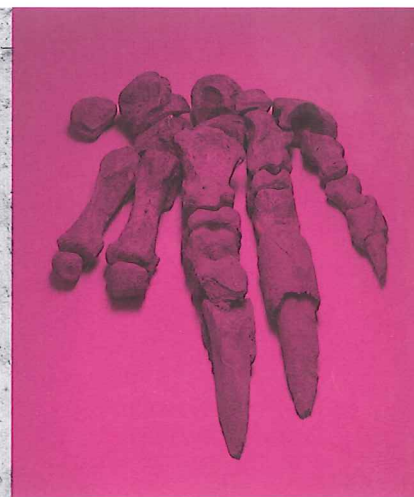
A primeira menção a gravuras rupestres no Brasil data do século XVI, na área que corresponde hoje à Paraíba. Elas surgem geralmente em planícies isoladas ou perto de rios. Os grafismos não são reconhecidos, mas, na Amazônia, há formas humanas e animais. Na Paraíba está a mais famosa gravura rupestre do Brasil, a *Pedra lavrada de Ingá*, situada no meio de um riacho, com 24 metros de largura e três de altura. Uma detalhada reprodução pode ser vista na exposição.

Não podemos fazer um paralelo poético entre as escuras salas de cinema e as sombrias cavernas nas quais os homens viam suas pinturas com a ajuda de tochas? Será que havia poesia nestes desenhos produzidos há tanto tempo? Que relação havia entre a realidade observada e os desenhos? Como o cinema do nosso tempo tem recriado a pré-história? É possível aprender com os filmes? Certamente nem todos os filmes têm compromisso com a educação e a informação de qualidade, mas com a ajuda dos nossos professores e orientadores podemos encontrar filmes com os quais é possível aprender sobre um passado recriado nas telas ou no vídeo. Visões do nosso futuro também foram concebidas por cineastas desde a invenção do cinema. O cinema nos ajudaria a “ver” o mundo de um outro tempo?

FAUNA

O clima de regiões hoje semi-áridas do Brasil era muito mais úmido na pré-história, e uma variada fauna se multiplicava pelas florestas e pelos campos.

Pintura rupestre / Ossos da mão do *Catonyx*, Toca da Janela da Barra do Antonião



Espécies extintas como a preguiça gigante, cujo esqueleto com mais de seis metros pode ser visto na exposição, ou o tigre-de-dentes-de-sabre, com 400 quilos e caninos de até 30 centímetros, dividiam o espaço com o homem.

Atualmente, o mamífero que melhor pode ser observado dentro das grutas é o morcego. Os homens pré-históricos podiam se ver frente a frente com um urso, um leão, uma hiena, um lobo. Todos esses animais deixaram marcas de suas passagens, impressões de patas ou de garras, ninhos, restos de ossos de suas presas, fósseis e às vezes esqueletos. Será que a fauna do planeta vai continuar se modificando? Será que seremos capazes de criar novas espécies com a ajuda da engenharia genética? Será que nós mesmos seremos diferentes?

DE ONDE VIERAM AS PEÇAS

Objetos, canções, contos populares, o saber fazer dos artesãos, os prédios históricos, a arte, enfim, nosso Patrimônio é tudo isso e o que cada geração transmite para a próxima. Os vestígios enterrados no solo são sempre os únicos traços que nos restam dos nossos ancestrais. Para que essa história se torne patrimônio é necessário colher e analisar com o maior rigor possível antes de mostrar para o mundo inteiro. Cada vestígio arqueológico não registrado é um pedaço do nosso patrimônio que se perde. Para evitar isso, existem leis de proteção ao patrimônio. Os vestígios descobertos pelos arqueólogos em nossos museus fazem parte, portanto, deste nosso patrimônio, e as histórias que se tornam patrimônio nos pertencem. Muitos lugares públicos têm como objetivo nos apresentar este patrimônio. As bibliotecas cuidam dos livros, as cinematecas guardam e protegem os filmes e vídeos que você pode consultar. Os museus conservam e protegem as coleções de objetos.

Numa instituição como o CCBB, todos esses centros de conservação do patrimônio convergem e é possível estar em contato com filmes, peças teatrais, livros, um museu com a história do Banco do Brasil, um arquivo com a história do próprio CCBB e exposições temporárias de arte. Em geral as exposições são organizadas e pensadas pelos curadores, profissionais responsáveis pela costura dos temas, pela concepção da distribuição dos mais variados objetos pelas salas devidamente iluminadas, que podem estar ou não ambientadas com diferentes cenários relacionados aos temas. Os curadores nos contam uma

história pela maneira que escolhem dispor os objetos com os quais estão trabalhando, obras de arte ou objetos de época, e através dos textos que escolhem reproduzir ao longo das galerias da exposição.

No caso da exposição *Antes*, são sete museus e coleções envolvidos: o Museu Paraense Emílio Goeldi, o Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, o Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville, o Museu do Estado de Pernambuco, o Museu Nacional da Quinta da Boa Vista/UFRJ, a Fundação Museu do Homem Americano e a CidCollection do Instituto Cultural Banco Santos. Esses museus e instituições devem apresentar suas coleções para o público, devem adquirir novos objetos, protegê-los contra roubo e desgaste causado pelo tempo, por exemplo. As pessoas que se ocupam deste trabalho são chamados de conservadores do museu, ou museólogos. Em um grande museu, existem muitos museólogos e cada um se ocupa de um período da história ou de uma certa categoria de obras de arte. Às vezes os conservadores são arqueólogos. Esta exposição é também uma homenagem a eles e a seu importante trabalho de desvendar e revelar nosso passado mais longínquo.



Urna funenária, Museu Paraense Emílio Goeldi

PODE A PRÉ-HISTÓRIA SER HISTÓRIA?

Sueli de Lima

O programa educativo desenvolve-se na linha de encontro das exposições com a sociedade. Se há bem pouco tempo as exposições podiam ser visitadas *em silêncio*, hoje as massas foram capturadas e as grandes mostras são visitadas por um número sempre crescente de pessoas. O desafio que enfrentávamos há uns anos, que era o de atrair interesse e construir condições de acesso aos bens simbólicos, está em alguns casos resolvido; nosso desafio atual é a conquista da qualidade nas reflexões feitas em conjunto por escolas e instituições culturais.

Neste texto pretendo apontar dois eixos que estruturam a ação educativa formulada para a exposição *Antes*. O primeiro parte do material apresentado para discutir alguns aspectos importantes que permeiam a exposição: uma revisão na história do Brasil através da incorporação dos fatos estéticos¹ ao trabalho do historiador. O segundo se estrutura no diálogo que esta exposição possui com outras anteriores (*África*, *Celeida Tostes*, entre outras), buscando construir uma ação conjunta de maior alcance para as ações educativas desenvolvidas pelo Centro Cultural.

A exposição *Antes* nos instiga a repensar muitos de nossos *pré-conceitos*. O primeiro talvez seja o seguinte: nascemos em 1500 e tudo o que houve antes teria sido desinteressante e sem importância. O Brasil tem hoje quase vinte vezes menos índios do que os portugueses encontraram vivendo em nossas terras. O que aconteceu com eles? Esta exposição pretende mostrar novas conclusões acerca de suas culturas. O material que apresenta constata que suas produções não devem nada às de outras sociedades como a asteca, a inca ou a egípcia.

A carta de Pero Vaz de Caminha não foi somente o documento que marca o nascimento de nossa história – por tratar-se do primeiro documento escrito –, foi também aquele que iniciou a “morte” de outras tantas que viveram aqui antes de sua chegada. Trechos como “eles são mais amigos nossos que nós deles” revelam que os estrangeiros possuíam não apenas armas de fogo, mas objetivos bem definidos na ocupação.





Enfrentar as atrocidades que cometemos no passado com os índios é, para nós educadores, uma oportunidade de impedirmos que a violência continue entre nós. Se nós podemos escolher a forma como queremos viver, por que os índios não teriam os mesmos direitos? É sabido hoje que o número de índios que cometem suicídio é grande: trata-se de uma recusa à submissão à nossa forma de vida. Ao visitarmos a exposição, nos confrontamos com a força cultural desses povos estaremos também realizando um esforço para estimular o respeito às suas tradições. Esta é, sem dúvida, a intenção das curadoras da exposição.

Há ainda uma outra pergunta que a exposição coloca para os interessados nos documentos simbólicos: por que toda a história apresentada é ainda chamada de pré-história? Não estaria aí um outro *pré-conceito*, o de que o fato estético é uma simples representação do real? Não seriam os fatos estéticos também constitutivos do real? Ou será que somente através de documentos escritos pode-se compreender a história de outros povos?

“O problema crucial (...) tem sido o de repensar a história da arte como disciplina acadêmica e teórica, enfim, como afirmar o seu estatuto científico. Em paralelo, coloca-se a questão de como a história social da cultura pode, superando os impasses da tradição, abrir-se, efetivamente, ao fenômeno estético e incorporar um dado simbólico cujo caráter exige revisão de seu conceito básico de princípio – o conceito de fato histórico. (...) A questão é incorporar a dimensão da cultura, a dimensão do simbólico, ao próprio conceito de fato histórico. O que passa a exigir do historiador o reconhecimento da fundamental importância, para seu próprio ofício, do que chamaríamos de imaginação histórica.”²

O enterramento de uma família apresentado na sala 11 é um exemplo sutil de como a cultura de um povo muitas vezes está expressa em gestos invisíveis: o posicionamento dos corpos no enterramento nos revela que se trata de uma família, o crânio do homem encontra-se com o da mulher e sobre o corpo dela é deixado o corpo de uma criança. A simples arrumação dos corpos não seria em si um texto passível de interpretações?

A proposta formulada por Niède Guidon e Anne-Marie Pessis para esta exposição não estaria também nos confrontando com a própria maneira de interrogarmos a história frente à revelação de uma *outra história* revelada por documentos de nossa história da arte? Admitir os fatos estéticos à pesquisa histórica é formular uma visão menos reducionista de nosso real. A evidência estética não seria em si um valor histórico? Quanto mais os historiadores se apropriam de documentos, de tecnologias, mais descobrem que não existem fatos isolados, que tudo depende de uma noção de conjunto e que, portanto, nosso passado exige nossa atenção a todo momento.

*"Fazer história é fazer a experiência do maior, diante do qual vivemos em situação de carência, em situação de demanda, mas que não deixa de ser um estado de desafio."*³

A proposta educativa que desenvolvemos para a exposição *Antes* não poderia estar dissociada daquela que realizamos para a exposição *África*, no ano passado. As duas mostras contêm trabalhos criados por sociedades em que a nossa idéia de arte não possui correspondente e que exigem uma revisão na compreensão de seus valores estéticos.

A história da arte contemporânea trabalha com uma concepção mais ampla de cultura e do papel que as representações artísticas desempenham nela. Trata-se de uma noção que legitima como cultura todo o vivido e segundo a qual todo o patrimônio constituído com diferentes funções é, como as obras de arte, passível de interpretações. Tudo o que pertence ao *real* (objetos artísticos ou não) possui um valor simbólico e está sujeito à interpretação de um outro.

O que querem os historiadores contemporâneos é pensar a arte como um sistema específico mas não autônomo de produção. É estudar a arte por linhas internas se perguntando de que maneira essas linhas se entrelaçam com os outros aspectos do fazer coletivo. Ou seja, o que se pretende é identificar um fenômeno que não encerra questões, mas as abre constantemente, e que possui aí o seu valor. O valor de um objeto de arte é manter vivo o debate em torno de si e dos objetos culturais – é refletir uma cultura, um pensamento.

É com base nesses pressupostos que este texto pretende *conversar* com outros anteriores formulados pelo programa educativo, quando discussões acerca

do valor da arte em nossa sociedade foram desenvolvidas através do confronto com acervos de culturas nas quais a arte se realizava integrada à vida.

Aquilo que pudemos verificar na exposição *África* e reencontramos agora na exposição *Antes* não nasceu em separado do cotidiano; ou seja, os objetos não se constituíram como objetos autônomos, como aconteceu na produção ocidental. Discutir essa produção nos propõe uma revisão do significado da arte hoje, incluindo a reivindicação – como se verifica nas poéticas contemporâneas – de uma aproximação maior com a vida, da integração cada vez maior do objeto – que deixa de ser tão *especial* – com a cultura do homem. Esta condição inerente à arte de *repropor* e incorporar a vida é em si um exemplo de sua historicidade.

Curiosamente, um diálogo entre as exposições permite *reavaliar o significado e o valor da arte em nossas vidas*, o que de muitas formas parece refletir também inquietações de artistas e críticos contemporâneos. Esta inquietação da produção contemporânea da arte, que busca um lugar não mais *especial*, mas *integrado*, nos lembra a necessidade crescente de pensarmos nas possibilidades que o contato com a arte pode abrir para o homem.

A exposição *Antes* nos coloca diante da natureza de nossa humanidade, do que nos torna homens e não animais. Ela nos revela que não há vida e depois cultura, que o homem é de saída um animal cultural, que toda a vida já é vida em cultura e que portanto está intimamente ligada ao real.

*"A pré-história não tem limites cronológicos: ainda hoje, apesar do desenvolvimento dos meios de informação e comunicação, milhões de homens vivem em uma condição de pré-história, muito semelhante à das longínquas origens de nossa civilização."*⁴

Será a arte fator estruturante de nossa humanidade? Qual o papel da arte na construção do ser civilizado, ou seja, um ser capaz de viver harmonicamente em sociedade? O que a arte pode fazer por nós na recuperação do elo perdido da nossa humanidade? Tais perguntas parecem relevantes para nós educadores quando todos assistimos a atos de extrema selvageria cometidos por nossos semelhantes.

É claro que não pretendo trazer respostas, encerrar a discussão; pretendo somente apontar alguns caminhos sugeridos pela minha prática. Primeiro, é

importante notar que o contato com a arte nos remete necessariamente a uma experiência do singular. Ou seja, criar, ou ter contato com arte, é uma experiência estruturante na formação de subjetividades (aquilo que nos diferencia dos outros). Criar é necessariamente uma experiência capaz de me estruturar como indivíduo, de afirmar a minha condição humana – somos tantos, mas sempre únicos.

O contato com a arte coloca questões como “quem sou?”, “onde estou?” e outras do gênero, que precisam ser ainda muito trabalhadas com nossas crianças e mesmo por nós, adultos.

Outro aspecto importante no contato com a arte é seu potencial de estimular a formulação de novos pontos de vista, novas respostas para velhas questões. É sabido que mesmo todo o aparato científico e tecnológico de hoje não provê soluções para muitos dos nossos problemas. Fomentando uma cultura criadora, livre de estereótipos, de vícios, poderemos, quem sabe?, lidar com novos processos de pensamento capazes de nos tornar diferentes do que somos hoje. Ou seja, se a humanidade é um projeto do qual não podemos desistir é preciso reinventá-la, e nesta empreitada a pesquisa em arte pode indicar novos caminhos.

A arte pode nos remeter à experiência de um processo de construção de conhecimento diferente da ciência e constantemente aberto a reordenação, a redirecionamentos. Uma experiência, enfim, de liberdade, capaz de nos levar a outros campos de inter-relação de fenômenos, outros canais de diálogo entre a arte e a cultura, novas metodologias de pesquisa, inclusive e sobretudo em grupo. Pode parecer um tanto forte, mas talvez nossa sobrevivência no planeta dependa da descoberta de outras possibilidades de formarmos a nós mesmos e aquilo que chamamos de civilização.

Gostaria ainda de destacar um outro ponto: quando estamos diante do acervo que nesta exposição o CCBB nos apresenta, verificamos que a história da arte se faz na presença do fenômeno. Essas obras nos enviam para o passado. Isto porque, ao ser interrogado, o objeto de arte é transportado de um passado para se realizar no presente – o presente de quem o interroga. Esta capacidade de atravessar os tempos é da natureza do objeto artístico, e os trabalhos que encontramos na exposição *Antes* possuem uma reluzente capacidade de trazer o passado ao presente. Ou seja, através da arte experimentamos

não um *retorno* ao passado mas a sua *permanência*. De forma que a idéia de história linear (passado, presente e futuro) pode ser questionada, e passamos a não somente pensar a história, mas *experimentá-la*.

Neste projeto, a mistura entre passado e presente é também muito bem explorada na montagem desenvolvida pelo Marcelo Dantas, na medida em que diversos recursos tecnológicos são incorporados a trabalhos com muitos mil anos de idade, promovendo uma experiência histórica viva e continuamente passível de interpretações. Podemos sentir aqui a espessura do tempo como algo vulnerável a nossos sentidos.

O Programa Educativo, diante de uma exposição deste porte e para cumprir seu objetivo de propiciar uma experiência renovada a um público tão amplo, se abre a uma nova linguagem expositiva em que o espetáculo produzido por várias mídias interage com as obras e todos reunidos conseguem, sem dúvida, uma apropriação menos elitista por parte do público. Ou seja, no fluxo intenso das exposições realizadas pelo Centro Cultural, cabe ao seu programa educativo a reunião de esforços para o desenvolvimento de conexões capazes de transformar esses eventos em espaços de construção de conhecimento – e, é preciso destacar, esta empreitada é compartilhada com todos os educadores que nos visitam.

¹ Aqui situam-se todos os documentos de dimensão simbólica: pinturas, gravuras, objetos etc.

² BRITO, Ronaldo. “Fato estético e imaginação histórica”, in PAIVA, Márcia (org). *Cultura é substantivo plural*. São Paulo: Ed. 34, 1996.

³ idem

⁴ ARGAN, Giulio Carlo. *História da arte italiana*. São Paulo: Cosac & Naif, 2004.

Sueli de Lima é consultora do CCBB Educativo. Arte-educadora e historiadora da arte, coordena as Casas das Artes da Manguieira e de Vila Isabel.